

Do corpo fragmentado ao corpo espiritualizado: reflexões acerca do corpo em trabalho no pensamento de Simone Weil

*Débora Mariz**

RESUMO

O objetivo dessa comunicação é explicitar algumas transformações sofridas pelo corpo no trabalho moderno e refletir acerca da ressignificação do corpo em trabalho proposta por Simone Weil. Em *A Condição Operária*, a filósofa francesa ressalta dois fatores presentes no trabalho moderno que afetam diretamente o corpo do trabalhador: o ritmo da atividade e as ordens (cf. p.60) e explica a influência da velocidade da ação realizada pelo operário na perda da capacidade de organizar pensamento e ação. O ritmo imposto pela máquina, diz a pensadora, interdita a reflexão e o sonho e torna o trabalhador uma engrenagem da máquina e não o contrário. Aqui o corpo é compreendido por Simone Weil como obstáculo e limitação do homem em sua dimensão física, às vezes desprovido de alma (por não implicar o pensamento) e destituído de qualquer caráter divino (pela repetição de gestos maquinais, decorrentes da atomização da atividade do trabalhador). Essa dimensão é ilustrada na condição operária em que o trabalhador é reduzido a mero objeto e o corpo do trabalhador está separado de sua alma, ao realizar um trabalho parcelado. Há escravização do corpo e falta de atenção pelo gesto repetitivo. A esse respeito, Simone Weil diz: “vivemos num mundo onde nada está na medida do homem; há uma desproporção monstruosa entre o corpo do homem, o espírito do homem e as coisas que constituem atualmente os elementos da vida humana; tudo é desequilíbrio” (*OL*, 101). Considerando essa cisão corpo/alma e pensamento/ação na vida humana, Simone Weil compreende que os homens tendem a buscar compensações para suportarem o vazio de sua existência, seja a conquista de uma melhor condição de vida social (riqueza/herança para os filhos), seja a busca de prazeres fúteis, ditados pela indústria cultural (*CO*, 421) ou a crença de uma civilização do lazer. Nenhuma dessas compensações, contudo, é aceita pela pensadora que compreende o corpo como um intermediário (metaxú) para o homem estabelecer uma conexão entre os diversos planos da realidade e remediar a cisão existente entre a vida profana e espiritual ou entre o pensar e o agir próprio do trabalho moderno. Ela considera os gestos realizados pelo operário como intermediários para o homem chegar a Deus no trabalho, visto que através desses intermediários o homem tem contato com o mistério presente entre sua condição corporal e a

* Doutoranda bolsista em Filosofia Contemporânea pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), deboramariz@gmail.com.

ordem do universo (Deus). Mas, de que maneira e sob quais condições o corpo em trabalho pode ser considerado fonte de liberdade e de reconciliação do homem com essa ordem divina do universo? – eis o problema central de nossa reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Trabalho. Espiritualidade.

INTRODUÇÃO

O objetivo dessa comunicação é explicitar algumas transformações sofridas pelo corpo no trabalho moderno e refletir acerca da ressignificação do corpo em trabalho proposta por Simone Weil.

Para pensar essas transformações é preciso compreender a noção de corpo como aquele que se distingue dos outros corpos (*Körper*) na medida em que é carne (*Leb*), isto é, em que está submetido às leis da física e é atravessado por uma vida (*Leben*), é animado, nesse sentido, possui alma. Mas é preciso desde já esclarecer que para Simone Weil, a relação corpo e alma é um problema insolúvel, tal como pensar Deus (*OC I*, 289). Isso porque o homem é finito e ao pensar Deus, infinito e sem limites, estabelece uma relação de caráter indefinido que ultrapassa a condição humana.

No entanto, há um mistério presente nessa relação Deus e homem, pois apesar do homem ser limitado, ele participa da unidade divina pela graça (concedida por Deus) e pela beleza do mundo (*OC IV*, 1, 64). Na perspectiva weiliana, o limite é a lei do mundo manifesto, nele reside a necessidade, a ordem e a beleza; já o ilimitado ou o absoluto no mundo são colocados pelo próprio homem e são fonte de erro humano que se expressa, por exemplo, na busca desenfreada pelo poder e nos desejos ilimitados (*OC IV*, 1, 183).

A beleza do mundo é contemplada pelo homem através da mediação com as coisas do mundo e os outros homens. Essa mediação é necessária, pois o mundo não é transparente ao pensamento, o isso seria imediato e contradiria a própria condição humana. Todo conhecimento é mediado pela experiência para ter uma existência real e não ser mera ilusão (*OC I*, 192); mesmo o homem mais sábio, diz Simone Weil, não pode conhecer nenhum objeto senão por intermédio de seu próprio corpo (*OC I*, 129).

E o homem tem um poder indireto sobre o mundo que é o trabalho, pois através dele é possível ao homem ter contato com a beleza do mundo (*OC IV*, 1, 307). O trabalho é o ato do espírito pelo qual o homem pode mudar voluntariamente a matéria pelos movimentos do corpo (*OC I*, 249), sendo ato de submissão consciente à necessidade (*OC II*, 2, 92).

Ora, mas por que muitos homens não contemplam essa beleza do mundo em seu trabalho? Por que o corpo em trabalho padece de alienação e ausência de sentido na própria ação de trabalhar?

1. CRÍTICA WEILIANA AO TRABALHO OPERÁRIO

A crítica weiliana ao trabalho operário encontra seus desdobramentos na ciência moderna. Para a pensadora francesa, apesar da ciência promover uma organização mais eficaz do método de trabalho pela simplificação (divisão) dos problemas e favorecer o conhecimento e o desenvolvimento técnico, como proposto pelas regras do método cartesiano, a divisão do trabalho, ilustrada na organização científica do trabalho (taylorismo), fragmentou não apenas as etapas do processo de produção, mas também o próprio trabalhador. Tecnicamente, o trabalhador transformou-se em coisa sob o jugo da máquina, e não o contrário, desumanizando o próprio homem. Assim, o trabalhador passou a executar gestos determinados pela necessidade imposta pela máquina (no âmbito da fábrica), sem entender a relação destes com o resultado final de sua ação. A esse respeito, Simone Weil diz: “vivemos num mundo onde nada está na medida do homem; há uma desproporção monstruosa entre o corpo do homem, o espírito do homem e as coisas que constituem atualmente os elementos da vida humana; tudo é desequilíbrio” (*OL*, 101). Culturalmente ocorreu uma cisão entre pensamento e ação, sendo o pensar executado por técnicos qualificados e cientistas e o agir realizado pelos operários; socialmente, o imperativo econômico impôs um ritmo desenfreado à produção e transformou o trabalho numa repetição de gestos sem sentido para o trabalhador que entrou num ciclo de trabalhar para comer e comer para trabalhar.

Em *A Condição Operária*, Simone Weil ressalta dois fatores presentes no trabalho moderno que afetam diretamente o corpo do trabalhador: o ritmo da atividade e as ordens (*CO*, 60) e explica a influência da velocidade da ação realizada pelo operário na perda da capacidade de organizar pensamento e ação.

O ritmo imposto pela máquina se torna cadência, diz a pensadora, interdita a reflexão e o sonho e torna o trabalhador uma engrenagem da máquina e não o contrário. Aqui o corpo é compreendido pela filósofa francesa como obstáculo e limitação do homem em sua dimensão física, às vezes desprovido de alma (por não implicar o pensamento) e destituído de qualquer caráter divino (pela repetição de gestos maquinais, decorrentes da atomização da atividade do trabalhador). Essa dimensão é ilustrada na condição operária em que o trabalhador é reduzido a mero objeto e o corpo do trabalhador está separado de sua alma, ao realizar um trabalho parcelado. Há escravização do corpo e falta de atenção pelo gesto repetitivo. Eis o caráter

destrutivo da opressão: dado que à classe privilegiada cabe a atividade do pensamento, resta aos trabalhadores a ação irrefletida sobre o mundo, e não o pensamento. Ou, em proposição kantiana: considera os homens como meios, meros instrumentos, e não como fim em si mesmos.

Considerando essa cisão corpo/alma e pensamento/ação na vida humana, Simone Weil compreende que os homens tendem a buscar compensações para suportarem o vazio de sua existência, seja a conquista de uma melhor condição de vida social (riqueza/herança para os filhos), seja a busca de prazeres fúteis, ditados pela indústria cultural (*CO*, 421) ou a crença de uma civilização do lazer. Nenhuma dessas compensações, contudo, é aceita pela pensadora que compreende o corpo como um intermediário (*metaxú*) para o homem estabelecer uma conexão entre os diversos planos da realidade e remediar a cisão existente entre a vida profana e espiritual ou entre o pensar e o agir próprio do trabalho moderno.

Uma solução weiliana para esta ruptura entre o pensar e o agir no trabalho consiste em propor mudanças na sua organização que incluam máquinas automáticas flexíveis, ou seja, que possuam certa capacidade de adaptação ao corpo do trabalhador e à execução de diversas tarefas, e não o contrário (*CO*, 259). Nesse sentido, é necessário à vida humana a contemplação do tempo, entendida como harmonia, em que o ritmo do trabalho é fruto tanto da relação do trabalhador com os materiais e ferramentas, quanto da relação do corpo do trabalhador com a velocidade da máquina.

Mas seria nossa civilização, marcada pela prestação de serviços e virtualidade, ainda uma civilização do trabalho? Se considerarmos todo o desenvolvimento técnico desde a década de 30, período em que viveu Simone Weil, percebemos que as máquinas flexíveis já foram criadas e substituíram em grande parte os trabalhadores não qualificados nas fábricas. Apesar disso, ainda se faz presente na atualidade a alienação no trabalho, bem como as consequências funestas da civilização do trabalho: a marca do ilimitado na desproporção, no desequilíbrio e na desmedida do agir humano.

2. PROPOSTA WEILIANA AO TRABALHO OPERÁRIO

Apesar de ter consciência da perversão do sentido do trabalho na modernidade, Simone Weil, a espiritualidade no trabalho reside na possibilidade de o homem ter contato com a beleza do mundo (“luz da eternidade”), compreendida como “único caso em que a alma não busca algo no futuro ou no passado, mas no que existe, visto que não deseja nada além

daquilo que é” (CO, 418). O belo deve ser aqui entendido não como um meio para outra coisa, mas aquilo que é bom em si mesmo e “a beleza do mundo não é um atributo da matéria ela mesma. É uma relação do mundo à nossa sensibilidade, essa sensibilidade que tem a estrutura de nosso corpo e de nossa alma” (OC IV, 1, 303). É preciso a reconciliação do homem com a técnica, pois ele ignorou que “o trabalho, a arte e a ciência são somente diferentes maneiras de entrar em contato com [a ordem divina do universo]” (OL, 156). Isso porque, para nossa pensadora, tal como existe uma ordem na natureza (macrocosmo), existe uma ordem na vida humana (microcosmo).

O corpo em trabalho, compreendido nessa dimensão espiritual, continua a ser governado pela necessidade imposta nas leis físicas do mundo e exige a força física, mas esse esforço é fonte de liberdade, entendida como ato de submissão consciente, ou seja, é obediência a esta necessidade presente na ordem do universo, e não opressão. Para isso, os gestos realizados pelo trabalhador devem expressar a unidade do pensamento com a ação e ser intermediário do mistério presente entre condição corporal do homem e a ordem do universo (Deus). Mas, de que maneira e sob quais condições o corpo em trabalho pode ser considerado fonte de liberdade e de reconciliação do homem com essa ordem divina do universo? – eis o problema central de nossa reflexão.

O corpo está integrado à natureza, pois é parte integrante da ordem do universo e é um instrumento pelo qual nós interpretamos as sensações, realizando assim a leitura do mundo. O conceito de leitura é fundamental no pensamento weiliano, pois para ela o mundo é um texto pelo qual interpretamos a realidade e passamos de uma significação a outra pelo viés do corpo, tal como da aprendizagem de um alfabeto da língua estrangeira que entra pela mão através do traçado das letras. A leitura é a significação do mundo, mas depende, tal como na analogia da aprendizagem do alfabeto, de um exercício de habituação que altera nossa relação com o mundo.

Simone Weil identifica duas maneiras de mudar a maneira pela qual nós lemos as sensações (1º nível de leitura): pela força e pela aprendizagem; essa mudança ocorre sobre a imaginação (C VI, 1, p.296). No *Ensaio sobre a noção de leitura*, a leitura do soldado ao ver outro homem em tempos de paz é diferente daquela realizada em tempos de guerra; eis um exemplo de como a força altera a leitura da realidade. Na paz, um soldado não lê um homem como inimigo quando ele está desarmado, mas na guerra isso poderá ocorrer pela leitura que o soldado faz do outro homem e por reagir a essa significação do outro como um inimigo a ser exterminado. Na guerra, o homem está submetido à força e, rebaixado por ela, lê sua derrota,

tal como expresso no exemplo do soldado inimigo que se sente humilhado na guerra pelo estratagema criado pelo comandante.

Porém, em seus *Cahiers*, SW afirma que apenas a aprendizagem pode elevar o homem a outro nível de leitura (2º e 3º níveis de leitura) e quem sabe chegar à não leitura, compreendida pela pensadora como a completa integração (harmonia) do homem com a ordem do mundo (C VI, 2, 444).

Ora, qual é o processo de habituação necessário para o homem realizar estes níveis de leitura?

Esse processo ocorre essencialmente pela atenção, pois Simone Weil afirma em seus *Cahiers* que aprendemos a ler pela atenção, mas esta se exerce com auxílio de exercícios em que o corpo é fundamental (C VI, 2, 353). O corpo lê a necessidade por trás das sensações, tal como expresso na analogia da bengala do cego e do marinheiro com o barco, os objetos exteriores são prolongamentos do corpo. Mas para isso acontecer é preciso tempo, aprendizagem, hábito, o que SW denominou de “justa disposição interior”, ou seja, aquela que faz a leitura correta do mundo (C VI, 2, 421). Essa disposição é ilustrada pela pensadora no uso de uma expressão popular “*c’est le métier qui rentre dans le corps*”, o que em português talvez pudesse ser entendido na expressão “o hábito faz o monge”. Eis o sentido da leitura que o capitão faz da tempestade por meio do barco como prolongamento do seu corpo, assim como a leitura que o cego faz do exterior ocorre na leitura da bengala (C VI, 1, 410).

Conforme esclarece Joel Janiaud, a impessoalidade reside na atenção concedida ao objeto e não a si próprio, tal como na analogia weiliana do ciclista aprendiz com o ciclista experiente ao desviarem de um obstáculo. O ciclista aprendiz está preocupado com os movimentos corporais que deve realizar, sente-se preso ao obstáculo, tal como um pássaro hipnotizado pela cobra prestes a dar o bote, enquanto o ciclista experiente realiza os movimentos necessários para desviar do obstáculo com fluidez e liberdade, como se seu corpo e o obstáculo constituíssem uma unidade, uma dança harmoniosa. A diferença entre eles não provém de um comando feito a si mesmo, nem de uma deliberação anterior, mas reside na apropriação que o ciclista possui de seu próprio corpo já submetido a um processo de habituação (OC I, 384-386). As diversas analogias utilizadas por Simone Weil para explicar as formas de leitura do mundo decorrentes de um processo de habituação como o barco na tempestade como extensão do corpo para o capitão, a bengala para o cego, as ferramentas para o trabalhador, o bico de pena para o escritor – são formas de leitura corpóreas e implicam uma íntima interação do homem com o mundo, como se fossem um só.

O processo de habituação consiste na harmonia do corpo com a ordem do mundo, ou seja, é a aprendizagem de um ritmo. Sobre isso, a pensadora diz:

Ritmo. Em todo modo de vida há um ritmo a amar. Toda vida, seja ela artificial, está ligada à rotação diurna do céu e às estações, sem a qual morreria. Por este ritmo, estamos ligados ao sol e às estrelas. Sentir por meio desse ritmo, como a bengala do cego. (C VI, 1, 293)

Essa aprendizagem se dá na própria ação humana, pois ela é prática, exige tempo e implica necessariamente a atenção, ater-se ao momento presente. Nossa filósofa define a atenção como a “única faculdade da alma que faz chegar a Deus” (CO, 430). A atenção permite ao homem entrar em contato com a realidade, excluindo de seu pensamento expectativas futuras ou preocupações pretéritas. Somente assim ele poderá contemplar a ordem do mundo. Ela consiste na aprendizagem capaz de alterar o poder que as sensações, o exterior, têm sobre nós, ou seja, ela altera o modo como o exterior nos modifica. Podemos dizer que essa aprendizagem é uma “pedagogia das significações” por consistir na aprendizagem necessária para o homem ter atenção à ordem do mundo, obedecendo inteiramente a essa ordem e despojando-se totalmente dos seus próprios desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No pensamento weiliano, o corpo em harmonia com a ordem do mundo lê Deus no mundo, através do exercício da atenção. Para tanto, faz-se necessária a aprendizagem dessa leitura cujo corpo é elemento primordial. É por isso que Simone Weil refere-se ao corpo como templo, ou seja, como símbolo de Deus por ser matéria que recebeu a forma do espírito humano (OC, I, 69). E mesmo que o divino em nós seja compreendido como mistério presente na ação humana é pela presença contínua do Espírito em nós que cada um dos nossos movimentos é cerimônia, visto que não agimos por instinto, tal como os demais animais, e no qual cada gesto presente no trabalho é prece (OC IV, 1, 264).

Mas dessa análise do corpo espiritualizado no pensamento weiliano, permanece uma importante questão: de que maneira é possível viabilizar a aprendizagem dessa leitura do mundo aos trabalhadores na atualidade?

REFERÊNCIAS

WEIL, Simone. *Oppression et liberté*. Paris: Gallimard, 1955. (OL)

_____. *Écrits de Londres et dernières lettres*. Paris: Gallimard, 1957. (EL)

_____. *La condition ouvrière*. Paris: Gallimard, 1964. (CO)

_____. *Sur la science*. Paris: Gallimard, 1966. (S)

_____. *Oeuvres complètes I: Premiers écrits philosophiques*. Paris: Gallimard, 1988. (OC I)

_____. *Oeuvres complètes II: Écrits historiques et politiques. L'engagement syndical (1927 – juillet 1934)*. Paris: Gallimard, 1988 ; v.1. (OC II, 1)

_____. *Oeuvres complètes II: Écrits historiques et politiques. L'expérience ouvrière et l'adieu à la révolution (juillet 1934 – juin 1937)*. Paris: Gallimard, 1991 ; v.2. (OC II, 2)

_____. *Oeuvres complètes II: Écrits historiques et politiques. Vers la guerre (1937 – 1940)*. Paris: Gallimard, 1989 ; v.1. (OC II, 3)

_____. *Oeuvres complètes VI: Cahiers (1933 – septembre 1941)*. Paris: Gallimard, 1994; v. 1. (C VI, 1)

_____. *Oeuvres complètes VI: Cahiers (septembre 1941 – février 1942)*. Paris: Gallimard, 1997; v. 2. (C VI, 2)

_____. *Oeuvres complètes VI: Cahiers (février 1942 – juin 1942)*. Paris: Gallimard, 2002; v. 3. (C VI, 3)

_____. *Oeuvres complètes VI: Cahiers (juillet 1942 – juillet 1943)*. Paris: Gallimard, 2006; v. 4. (C VI, 4)

JANIAUD, Joël. *Simone Weil : l'attention et l'action*. Paris : Puf, 2002.